

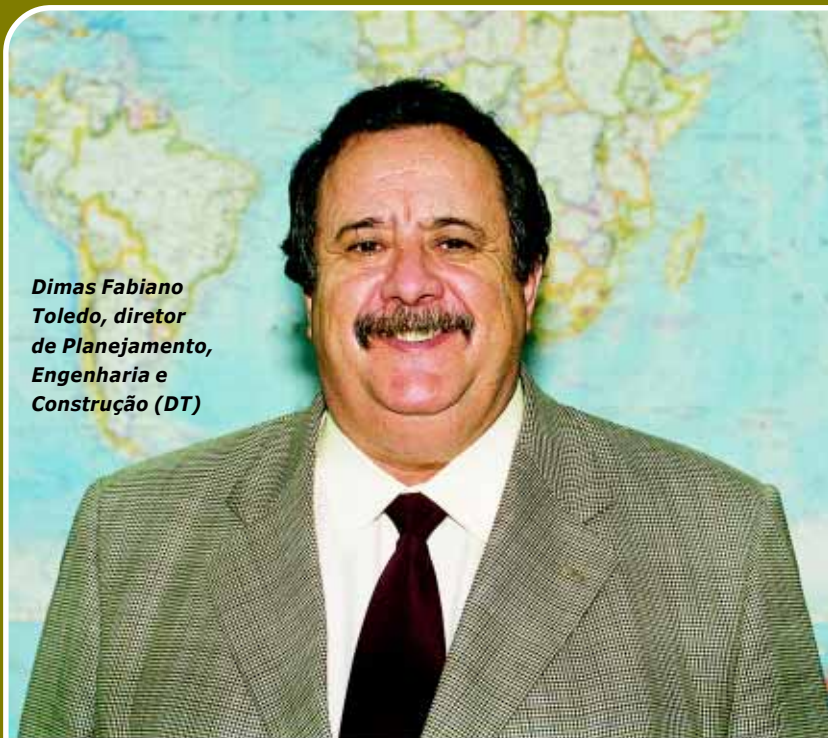


Otimismo e novos projetos na DT

Natural de Bocaina de Minas, cidade onde nasce o rio Grande, o engenheiro elétrico Dimas Fabiano Toledo ocupa a Diretoria de Planejamento, Engenharia e Construção (DT) desde 1996. Em entrevista exclusiva a Linha Direta, ele fala sobre o futuro de FURNAS, as novas obras e a importância da Empresa para o país.

Dimas Fabiano Toledo, diretor de Planejamento, Engenharia e Construção (DT)

FOTO ORLANDO AGUIAR



Como se deu a substituição dos antigos empregados na Diretoria de Planejamento, Engenharia e Construção? Houve atraso de projetos por causa disso?

Na realidade, a substituição na DT foi tranqüila e conseguimos manter o ritmo e o espírito de equipe. Temos um pessoal muito competente, tanto que nós pudemos mostrar isso recentemente, quando em menos de 70 dias, conseguimos montar uma parceria com a EDP entrando no consórcio Enerpeixe e adquirindo 40% do negócio, que representa a construção de uma usina hidrelétrica de 452 MW e uma linha de transmissão de 500 KV de cerca de 100 km. Isto demonstra a capacidade de nossa equipe, demonstra a sua experiência.

Qual o valor do investimento da DT para este ano e, até o momento, o quanto foi investido?

Nosso orçamento prevê investimentos da ordem de R\$ 1,2 bilhão para este ano. Devemos já ter realizado 75% ou 80% do previsto.

Quais as principais obras de 2003 e as previstas para 2004?

As principais obras de 2003 foram as linhas Ibiúna/Bateias, Cachoeira Paulista/Adrianópolis III, a modernização de Mascarenhas de Moraes e a expansão da termelétrica de Santa Cruz. Para o próximo ano temos as linhas Ouro Preto2/Vitória e Montes Claros/Irapé, além da modernização da Usina de Furnas, um empreendimento da ordem de R\$ 395 milhões. Retomaremos a construção de obras de geração de usinas hidrelétricas, através da usina de Peixe Angical. Vamos entrar quente nessa obra em 2004. Ela representa a volta às origens de FURNAS.

Qual a importância estratégica desta usina para FURNAS?

Do ponto de vista econômico, devemos notar que hoje a energia gerada por FURNAS é considerada pelo mercado como energia velha, com um preço médio da ordem de R\$ 72,00 o MWh. É importante que a Empresa agregue novas energias para melhorar seu *mix* de preço, já que elas entram com os valo-

res assegurados pelo PPA da ordem de R\$ 104,00 ou R\$ 105,00 o MWh.

Existe um componente estratégico muito importante; esta usina se encaixa como uma luva no tempo, em relação às usinas que FURNAS está estudando no Rio Madeira. Desta forma, teremos a equipe de FURNAS, não só da DT, pronta e preparada para aquele desafio.

De acordo com o novo modelo, FURNAS vai ter que dividir seus investimentos com parceiros privados. Como o senhor avalia este cenário?

As parcerias com a iniciativa privada, onde atuaremos de forma minoritária na área de geração, são bastante convenientes para FURNAS, pois nos permite buscar financiamentos, principalmente junto ao BNDES. Pela legislação em vigor, a Empresa sozinha não pode buscar este tipo de capitalização. Nas linhas de transmissão não há uma obrigatoriedade de se participar em parcerias. Nós podemos atuar de maneira independente, uma situação, na minha avaliação, muito melhor para FURNAS.

Como o senhor se sentiu participando do leilão da Aneel, realizado na Bovespa? Acredita que o objetivo de negócios foi atingido?

Olha, eu penso que sim. FURNAS saiu vitoriosa porque na primeira linha, correspondente ao trecho A (Londrina/Assis/Araraquara), nós tínhamos um preço bastante competitivo, porém fomos superados pela concorrência que aplicou um deságio de 36,07%. Nosso Consórcio não teria condição de ofertar, para aquela obra, números menores do que aqueles que foram ajustados pela nossa equipe. De todo jeito, ficamos com uma linha também importante, que é a Montes Claros/Irapé, que vai nos dar um retorno da ordem de 16% a 17%. Então, eu acho que FURNAS ficou bem.

Qual sua opinião sobre o novo modelo do setor elétrico?

Desde que não restrinja as atividades de FURNAS ele será bem absorvido pela Casa. No modelo passado, a Empresa não podia participar de leilões, vender energia de forma bilateral ou participar de licitação. Então, desde que o modelo tenha condições iguais para todos os agentes, FURNAS será imbatível. FURNAS, já disse isso numa entrevista, sempre será uma empresa imbatível. Com o potencial que ela tem, pela competência que ela tem instalada, em qualquer modelo ela pode ter que se adaptar, mas vai se adaptar e sairá vencedora. Vencer desafios está na nossa cultura e em nossa tradição que, naturalmente, fazemos questão de manter.

Na sua opinião, FURNAS deve buscar obras no exterior?

Isso é uma coisa que nós sempre buscamos. Acho que o Brasil, muito mais que FURNAS, precisa fazer isso. Não podemos continuar vivendo só de exportar o tradicional. Hoje nós temos uma engenharia forte, temos que exportar a engenharia brasileira, exportar obras, em outras palavras, agregar valor, temos a certeza que FURNAS poderá contribuir muito nesse aspecto. A grande dificuldade que sempre tivemos, para vender obras ou serviços no exterior, estava atrelada aos problemas de investimentos. O novo governo está mais preocupado com este assunto e tem sinalizado a possibilidade de financiamentos externos, via BNDES. Isso acontecendo, eu não tenho dúvidas de que FURNAS estará participando, tanto quanto a Petrobrás, no mercado internacional.

A Usina de Capanda em breve entrará em operação. Fale um pouco dessa experiência na África e as vantagens de um empreendimento deste porte para a Empresa.

O projeto Capanda já se estende há quase 20 anos, não por culpa de FURNAS, mas por causa da guerra. No entanto, foi um projeto que acrescentou muito a Empresa, principalmente, porque o pessoal que passou por ele adquiriu muita experiência. Essa equipe tem condições de buscar novos mercados internacionais. Vamos ter um retorno adequado com esta obra, porém, neste caso isto não importa, nosso objetivo sempre foi o de ajudar os irmãos angolanos, e ao mesmo tempo, aprender, adquirir experiência para, mais tarde, poder realmente trazer ganhos para a Empresa.

Devido a excelência técnica, a Empresa pensa em entrar no segmento das PCHs (Pequenas Centrais Hidrelétricas)?

Eu penso que FURNAS tem outro perfil. PCH é coisa para empresas menores, de porte médio. É uma iniciativa em nível mais de governo e empresas privadas. Acredito que através de uma boa administração, o programa de PCH será muito útil ao país. Eu acho que o perfil de FURNAS é muito mais para grandes obras. Essa era a nossa preocupação quando fomos buscar o Madeira, com mais de 7.000 MW. Acho que a principal meta da Empresa sempre deve ser usinas maiores, mesmo se falando de outras formas de energia, como as termelétricas e as eólicas. FURNAS nasceu para implantar grandes obras, sejam de geração ou de transmissão.

Para finalizar, o que o senhor gostaria de registrar para os empregados?

A mensagem que deixo para os companheiros de FURNAS e para o meu pessoal da DT, é uma mensagem de otimismo. Podem acreditar que o momento que nós passamos era um pequeno momento de turbulência dada às indefinições do setor. Tenho certeza que qualquer que seja a turbulência, FURNAS vai saber enfrentar e sair vitoriosa. Veja só, estamos acabando este ano difícil, de grandes transformações no Brasil e em FURNAS e estamos com grandes perspectivas para o ano que vem e para o futuro. Eu já disse uma vez: nós somos um Boeing na cabeceira da pista pronto para decolar, a fim de resolver os problemas de geração e de transmissão de energia desse país, ofertando energia a preços competitivos, de modo a ajudar a acabar com a desigualdade social em nossa sociedade. 🌟